

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NOS MUSEUS DE PELOTAS (RS): ENTRE OS INTEGRANTES DO CLUBE CULTURAL FICA AHI PRA IR DIZENDO

PATRÍCIA FERNANDES MATHIAS MORALES¹; ROSANE APARECIDA RUBERT²

¹Curso de Museologia, conservação e restauro (UFPel) - patriciamoralespel@gmail.com

²Departamento de Antropologia e Arqueologia (UFPel) – rosru@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Como afrodescendente sempre questionei a forma como a história da etnia negra era contada nos livros de ensino fundamental/médio, pois as histórias que eram contadas a partir da memória da minha avó e das minhas tias avós eram bem diferentes daquelas do colégio. Quando comecei a vida acadêmica, passei a compreender que a história tem várias versões. Como estudante de Museologia, comecei a observar como os negros são representados nos museus da cidade, pois a luta contra o sistema da escravidão não está colocada nesses museus, comecei a estudar mais sobre o tema, fiz leituras que até então me eram desconhecidas.

Este trabalho está fundamentado em um exercício de pesquisa em três espaços expográficos da cidade: o Museu da Baronesa, a Instituição Biblioteca Pública Pelotense e a Charqueda São João. Busquei mapear e compreender as representações sobre a presença negra na cidade a partir das exposições e dos acervos destas instituições. Num segundo momento, em razão do meu envolvimento em um projeto de extensão no Clube Cultural Fica Ahi Pra Ir Dizendo, procurei compreender a percepção de algumas pessoas vinculadas a ele sobre a forma como a etnia negra está representada no Museu da Baronesa. Exploro um pouco, também, as potencialidades do Clube Fica Ahi para a criação de um Centro de Cultura Afro-brasileira nas suas dependências, para suprir as lacunas das outras instituições sobre a história e cultura negra em Pelotas.

Por mais que essa pesquisa seja incipiente, ela não deixa de questionar “[...] as marcas atribuídas aos afro-brasileiros como naturais e permanentes” (ZUBARAN, MACHADO, 2013, p. 101). O museu tem o poder de incluir ou excluir indivíduos ou grupos étnicos que contribuíram para o desenvolvimento de uma cidade ou região. Portanto, devemos ter muito cuidado na forma de representar o outro dentro destas instituições. Do ponto de vista acadêmico, este trabalho é uma forma de contribuir para a promoção de exposições e ações que auxiliem na construção de uma identidade positiva da população negra pelotense.

O objetivo desse projeto é contribuir para a promoção, nos museus de Pelotas, do reconhecimento, preservação e valorização da história e da memória dos segmentos negros, em razão da grande importância que tiveram na formação do município. Observo que nas instituições museais da cidade de Pelotas, falta ainda uma sensibilidade com o tema. Este objetivo vai ao encontro das políticas de reconhecimento e ações afirmativas, que vêm tendo papel decisivo na inserção dos afrodescendentes na sociedade brasileira. A aplicação da Lei 10.639/2003, que obriga a inserção de conteúdos sobre história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, deve ser abordada e trabalhada não só

no contexto escolar, mas também em centros de cultura e museus, por meio de ações patrimoniais.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi entrevistas semiestruturadas, individuais e em grupos com integrantes do Clube Fica Ahi, com algumas perguntas fechadas (idade, escolaridade, etc.) e outras questões em que os(as) entrevistados(as) exprimiram seu ponto de vista sobre a questões colocadas: se eles se sentem ou não representados nos Museus da cidade e qual o grau de conhecimento que tem do Centro de Cultura que está sendo desenvolvida no Clube. Foram entrevistadas 06 integrantes do Clube, que realizaram visita guiada ao Museu em dois grupos separados, sendo entrevistados posteriormente, alguns em conjunto, outros individualmente, conforme disponibilidade de tempo. Foram também realizadas entrevista com responsáveis técnicos das três instituições anteriormente citadas, sobre como vem sendo tratada a história e a cultura negra nestes espaços museológicos. Na instituição Biblioteca Pública Pelotense e na Charqueada São João foram realizadas entrevistas individuais com os respectivos responsáveis técnicos, já no Museu da Baronesa, a entrevista envolveu as duas museólogas responsáveis, que responderam as questões em conjunto. Nesse método de entrevista o pesquisador está mais livre para ir além do roteiro. A escolha de trabalhar com a entrevista, é pela riqueza de detalhes que esta pode captar no diálogo com os entrevistados (GASKELL, 2002; MAY, 2004).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas exposições e acervos a forma de representar a etnia negra é só através de instrumentos de tortura, mostrando só o período da escravidão. Nenhuma instituição demonstra, através das exposições, as estratégias de resistência à escravidão e as contribuições da etnia negra na formação da cidade de Pelotas, em seus vários âmbitos.

As instituições não conhecem a Lei 10.639, e quando dela tem ciência, não se envolvem com sua aplicação. Observou-se ainda que as instituições não interagem de forma consistente e permanente com organizações do Movimento Negro, e quando o fazem, é de maneira esporádica e pontual.

Os integrantes do Clube Fica Ahi, não se sentiram representados no museu da Baronesa, pois a única forma que o Museu representa o negro são painéis que remetem exclusivamente à escravidão. Uma das únicas representações sobre a presença negra neste Museu, é a presença de um manequim de uma cozinheira negra no que seria o espaço da cozinha no casarão que abriga o Museu. Chama a atenção que todos os objetos da cozinha têm identificação, já o manequim não, e é contada uma história pelas responsáveis técnicas do Museu que o manequim é uma ex-escrava cujo nome é Clara, que ficou na casa após a abolição da escravatura, e que alguns visitantes dizem ser descendentes, mas o Museu nunca fez uma pesquisa sobre a história desta personagem. Esta ausência de identificação dos objetos relativos à presença negra é notada nos demais espaços visitados.

Raul Borges: É eu queria ver mais coisas porque o negro foi criado como escravos nessas Estâncias, por esses Maciel ali que eram donos da cidade de Pelotas, teria que ter mais coisa de negro. Teria que ter material que usava na Charqueadas, teria que ter matéria que era usada nas correntes onde prendiam os escravos que prendiam na perna. Eu tenho um material ali que era de prender na canela dos escravos que era com chave, teria que ter lá. E esses casarões na área de Pelotas todos eles, abrigavam escravos e teve o pessoal, com a lei que criaram, foi desaparecendo, esconderam. (Grifos nosso)

Foi muito importante ouvir as sugestões que os integrantes do Clube dão sobre isso, pois eles indicam que de fato há necessidade de espaços museológicos ou centros de cultura específicos sobre este tema em Pelotas, pois o silenciamento da presença negra é notável nos museus da cidade.

Tereza: Não, eu penso assim, não menosprezando a cozinheira, minha mãe foi empregada doméstica, não menosprezando aqueles afazeres, que hoje em dia realmente todos esses afazeres a gente faz. Mas outras coisas, outros valores dos negros não são apresentados.

Patrícia: Sim, tu tens essa mesma visão?

Estela: Podia ser mostrado muito mais coisas também, porque negro não é só cozinhar, o negro tem o seu valor, hoje em dia tem negros médicos, advogados, engenheiros, então eu acho que tem muito a mostrar ainda.

Tereza: A parte social por exemplo, ali a parte social do negro não foi falado, a religião, poderia ter alguma coisa ali. Por que, por exemplo, deles [os senhores] ali mostra as capelinhas que eles tinham em todas as casas, os oratórios, mas a parte do negro, ali não mostra nada.

Cabe ressaltar que foram realizadas visitas orientadas com os integrantes do Clube porque, após finalizar o projeto de pesquisa e convidá-los para serem entrevistados, se fez conhecer que vários não tinham proximidade com os Museus da cidade, o que já é em si um dado para a reflexão. Isso significa que os museus e instituições similares estão distantes deste segmento. Considero que a experiência de visitarem um museu com um objetivo especial, significou uma oportunidade de refletirem sobre eles próprios enquanto coletividade, qual o lugar que ocuparam historicamente na cidade de Pelotas. Mas acho que a principal reflexão que essa experiência proporcionou, considerando seus depoimentos, foi sobre os estereótipos que eles enfrentam como afrodescendentes. Considero importante ainda eles pararem para pensar sobre como gostariam de serem representados no museu, pois me perguntou se eles já haviam feito isso antes.

Nesse sentido, torna-se altamente significativa a existência de espaços adequados de representação da presença negra em Pelotas, tal é a proposta de criação de um Centro de Cultura Afro-brasileira nas dependências do Clube. Por meio dele, este segmento poderá não só conhecer, mas auxiliar na construção da sua própria história e reprodução das suas referências culturais.

4. CONCLUSÕES

O Estado-nação, por um longo período da história, esqueceu ou simplesmente ignorou estes grupos na sociedade, havendo a recorrência de representações genéricas sobre os negros, sempre como escravo, visto pelo olhar do outro nas instituições museais.

A história de Pelotas vem sendo contada, nos museus, pela perspectiva da elite, com menções muito vagas aos negros(as) escravizado(as) que os colonizadores trouxeram para a cidade, para trabalhos sub-humanos. Os museus

da cidade estão celebrando nos ambientes expográficos, a memória e o poder da elite pelotense, e no mesmo ambiente omitindo a realidade de um passado permeado por conflitos.

No âmbito das instituições museais, a eclosão dos movimentos sociais negros no Brasil a partir de meados da década de 1970, com a redemocratização do país, começa a influenciar nessa nova afirmação das identidades negras, também incluem a luta por novas políticas de representação. De lá para cá, foram criados novos museus afro-brasileiros, fazendo com que essa identidade e memória negra sejam contadas por esse grupo étnico-racial, para si mesmo e também para a sociedade mais ampla. Neste sentido, o conceito de patrimônio cultural afro-brasileiro passou a contemplar este grupo não apenas como remanescente de escravos, mas também portadores de uma memória histórica, de uma identidade particular (NOGUEIRA, 2008).

No entanto, a necessidade da aplicação de políticas de reconhecimento e as ações afirmativas nessas instituições culturais é um fato relativamente novo (FREITAS, 2005). Museus e Centros de Culturas temáticos, são importantes para a afirmação da identidade negra no Brasil, é uma forma do afrodescendente saber sobre a sua história a partir de um novo olhar. Os museus e Centros de Culturas temáticos fazem com que os afrodescendentes valorizem a sua história, memória e a sua identidade, a partir da transmissão de conhecimentos que estes museus e centros proporcionam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei Federal nº 10.639/03: Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". D.O.U. de 9 de janeiro de 2003. Disponível em:

FREITAS, Joseania Miranda. Museu Afro-Brasileiro: ações afirmativas de caráter museológico no novo setor da herança cultural afro-brasileira. I ENECULT (Anais Eletrônicos). Salvador, 2005.

GASKELL, G. **Entrevistas Individuais e Grupais**. In: BAUER, M.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639. Acessado em: 22.03.15.

LONER, Beatriz Ana, GILL, Lorena Almeida. **Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas**. Estudos Ibero-Americanos, v. 35, n. 1, p.145-162, jan./ jun. 2009.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos, Diversidade e sentidos do patrimônio cultural: uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional. **Anos 90**. Porto Alegre, v.15, n. 27, p.233-255, jul. 2008.

ZUBARAN, Maria Angélica, MACHADO, Lisandra Maria Rodrigues. **O que se expõe e o que se ensina**: representações do Negro nos Museus do Rio Grande Do Sul. Artigo, v. 22, n. 1, p. 91-122, jan./jun. 2013. Disponível em: www.seer.furg.br/. Acessado em: 30. 05.15.